

UNIDADES LEXICAIS DE CARÁTER NEOLÓGICO NO CENÁRIO POLÍTICO

Leidiani da Silva Reis¹

Resumo: A criação lexical revela a capacidade dinâmica que acompanha constantemente as inovações da sociedade, característica imanente da linguagem. A esse processo de renovação lexical dá-se o nome de neologismo, estudo o qual nos propomos refletir e discutir numa perspectiva da Lexicologia, ramo da Linguística, a qual tem por objetivo o esboço geral do acervo de palavras de um determinado idioma. Para tanto, considerando os níveis de análise linguística relacionados à formação vocabular (ALVES, 2007), analisamos – na Língua Portuguesa – algumas unidades lexicais neológicas coletadas na imprensa escrita, mais especificamente no âmbito cibernético, em contextos da política nacional atual, representada mediante o gênero charge. Assim sendo, o presente trabalho pauta-se numa metodologia de cunho qualitativo, do tipo revisão bibliográfica e documental. Com a conclusão do referido artigo, confirmamos o caráter não estático do léxico, cujo acervo expande-se constante e indefinidamente, inclusive nos contextos midiáticos voltados à política, em função da incessante busca pela expressividade, os quais exploram as mais diversas possibilidades disponíveis pela linguagem para dar maior destaque aos seus textos, gerando nada menos que efeitos de sentido de ironia e/ou humor.

Palavras-chave: Lexicologia. Neologismo. Dinamicidade lexical. Cenário político atual.

Abstract: The lexical creation reveals the dynamic capacity that follows the constant innovations of the society, an immanent characteristic of the language. To this lexical renewing process is given the name neologism, study that we propose to reflect about and discuss in the perspective of the Lexicology, a Linguistic branch, whose objective is to give a general sketch of words collection from a determined language. Therefore, considering the linguistic analysis levels related to word formation (ALVES, 2007), we analyzed – in Portuguese Language – some lexical units collected from the written press, specifically from the cyber scope, in the current national political context, represented by the genre charge. Thus, this work is guided by a qualitative methodology, using bibliographic and documentary review. With the conclusions of the referred paper, we confirm the non-static characteristic of the lexicon, whose collection enlarge itself constant and indefinitely, including on the media context focused in politics, in function of the uninterrupted search for expressiveness, which explore the various possibilities through language to give more emphasis to its texts, generating nothing less than sense of irony and humor effects.

¹ Atualmente é aluna regular, a nível de Doutorado, do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras, na área de concentração Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), na linha de pesquisa dos estudos da linguagem: descrição dos fenômenos linguísticos, culturais, discursivos e de diversidade. É bolsista pela Capes, com pesquisa voltada para a Língua Brasileira de Sinais (Libras). É Mestra em Letras (2012), também pela Unioeste, na linha de pesquisa dos processos lexicais, retóricos e argumentativos, com graduação em Letras pela referida Universidade (2008). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando principalmente em Linguística Textual. Trabalhou como Professora da graduação e da pós-graduação do Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena - AJES, sendo também orientadora de iniciação científica nos cursos de Licenciatura em Letras e Pedagogia. Foi coordenadora adjunta do curso de Letras - AJES e Coordenadora do PIBID/Letras/AJES, fomentado pela Capes.

Keywords: Lexicology. Neologism. Lexical dynamics. Current political scene.

Introdução

Viver no mundo contemporâneo requer acompanhar as constantes transformações sociais, políticas e culturais que permeiam o cotidiano das pessoas. Sendo assim, é sempre relevante refletir sobre os reflexos que tais mudanças ocasionam na vida dos seres humanos envolvidos. Diante disso, nesse estudo, delimitar-nos-emos a observar essa questão dinâmica na linguagem.

Não é novidade para ninguém a situação conflitante que o Brasil vem enfrentado como, por exemplo, a manifestação da população brasileira quanto à Copa do Mundo de 2014 sediada, mesmo diante das circunstâncias caóticas do país; a reeleição da presidenta Dilma Rousseff; os atos corruptos no meio político; entre outras questões. Nesse contexto social, político e econômico atual do Brasil, muitos novos itens lexicais tem se destacado e marcado o momento. Por isso, consideramos relevante abrir aqui um espaço para que possamos olhar com mais atenção algumas dessas inovações lexicais, consideradas neológicas.

Diante disso, adotamos como perspectiva teórica a Linguística, num viés da Lexicologia, tendo em vista que “o objeto de estudo da Linguística é a própria linguagem humana, em todas as suas variações e a Lexicologia tem como objetivo básico o estudo e a análise das palavras, sua categorização e a estruturação do léxico” (BIDERMAN, 2001b, p. 128). Por essa razão, na primeira parte do artigo, consideramos relevante elucidar discussão referente ao Léxico, baseando-nos em estudos advindos da área de conhecimento da Lexicologia. Em sequência, apresentamos uma reflexão teórica sobre o neologismo e a formação lexical neológica, fundamentada inclusive nos estudos de Alves (2011, 2007, 2002, 1984), uma das referências nessa área de investigação.

No momento seguinte, expomos o princípio metodológico que nos orientou e passamos para as análises, as quais, considerando o limite e a intenção desse escrito, partiram de um recorte específico de alguns vocábulos novos observados em textos jornalístico-políticos, representados pelo gênero textual charge, disponibilizados na imprensa online. Selecionamos esse campo cibernético porque consideramos sua relevância para uma linguagem dinâmica, resultado da necessidade de sua constante atualização para informar seus leitores, como também para exprimir situações novas ou noticiar novas ideias e objetos criados, conseqüentemente, formando palavras novas (MELLO, 2011).

Nesse contexto, essa investigação objetiva descrever os níveis de análise linguística relacionados à formação vocabular dos elementos escolhidos: nível fonológico, nível morfossintático, nível semântico e nível textual (acrescido por ALVES, 2007). Para tanto, o presente trabalho pauta-se numa pesquisa de *revisão bibliográfica e documental*, orientado pelas técnicas propostas por Alves (2007), como, por exemplo, a adoção do *corpus* de exclusão “que serve de parâmetro para a determinação do cunho neológico dos candidatos a neologismos” (ALVES, 2007, p. 9).

Uma breve reflexão sobre o léxico e suas ciências

O léxico de uma língua constitui uma forma de registrar e classificar o conhecimento de mundo, de dar nomes aos seres e objetos (BIDERMAN, 2001a). Essa nomeação da realidade é necessária para a estruturação do mundo que cerca o ser humano. Não tem como se desvencilhar dessa questão. Nessa perspectiva, Biderman (2001a), em seus estudos, corrobora que “a criação do léxico tem se processado por meio de atos consecutivos de aquisição da realidade e da categorização das experiências que se cristalizam em signos linguísticos, as palavras” (BIDERMAN, 2001a, p. 13).

Diante disso, podemos dizer que é por meio do léxico que o indivíduo interage com a realidade a sua volta, ou seja, à medida que vai caracterizando/nomeando os objetos, vai também representando sua vida, em seu aspecto social, histórico e até ideológico. Sendo assim, o léxico registra, distintamente, os elementos de cada cultura:

O léxico de uma língua natural pode ser identificado com o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história. Assim, para as línguas de civilização, esse patrimônio constitui *um tesouro cultural abstrato*, ou seja, uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de modelos categoriais para gerar novas palavras. (BIDERMAN, 2001a, p. 14, grifo nosso).

Considerando o princípio de que investigar uma língua é conhecer também sua cultura, juntamente com sua evolução, “[...] o estudo de um léxico regional, por exemplo, pode fornecer, ao estudioso, dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo de um determinado grupo” (ISQUERDO, 2001, p. 91). Por essa razão, tanto a *Lexicologia*, quanto a *Lexicografia*² e a

² A *Lexicografia* pode ser considerada como a ciência dos dicionários, envolvendo, obviamente, a produção de dicionários, com um desenvolvimento mais prático do saber, sendo nele registrado, em forma de palavras, todo o conhecimento de mundo (BIDERMAN, 2001).

*Terminologia*³, áreas que se dedicam ao estudo do léxico⁴, têm despertado o interesse de estudiosos rotineiramente. Elas enfocam o léxico de modos distintos, no entanto, ambas têm como principal intento a descrição lexical (BIDERMAN, 2001a).

A *Lexicologia*, por exemplo, investiga as diversas relações com o interno e externo do próprio léxico, ou seja, ela “tem como objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico” (BIDERMAN, 2001a, p. 16). Em outras palavras, essa ciência, instaurada num caráter mais teórico, abrange diversos domínios como a formação de palavras, a etimologia, a criação e importação de palavras, a estatística lexical, relacionando-se necessariamente com a fonologia, a morfologia, a sintaxe e em particular com a semântica. Nessa perspectiva, Alves (2011) diz que:

A Lexicologia pode ser abordada sob diferentes perspectivas, morfológicas e semânticas. Do ponto de vista morfológico, uma questão crucial se refere ao que é a palavra, a unidade lexical. Outro importante aspecto morfológico diz respeito aos processos de formação das palavras. Do ponto de vista semântico, questões sinonímicas, antonímicas, homonímicas e polissêmicas podem ser abordadas pela Lexicologia (ALVES, 2011, p. 440).

Nesse artigo, propomo-nos a elaborar um trabalho voltado para a Lexicologia, pois é ela a responsável pelos estudos da criação lexical, mais especificamente, pelos neologismos, os quais perpassam pelos processos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e até textuais, conforme veremos adiante.

Neologismo: alguns apontamentos necessários

Já que toda sociedade evolui, conseqüentemente também evolui o seu sistema linguístico, sendo incontestável que a língua se vale fundamentalmente de mecanismos lexicais para cumprir os propósitos comunicativos de interação social entre seus usuários, conforme discutido acima. É nesse contexto que podemos dizer que a língua é neológica por natureza. Assim sendo, com base em Alves (2007), consideramos “neológicas as unidades lexicais (formalmente novas ou que recebem um novo significado) criadas em um determinado momento histórico-social, que, em função de diversas razões (necessidade de

³ A *Terminologia* se ocupa de “subconjuntos do léxico de uma língua, a saber, cada área específica do conhecimento humano. Esses subconjuntos lexicais que constituem o objeto dessa ciência reportam-se ao universo referencial” (BIDERMAN, 2001, p. 160).

⁴ Por considerar o limite e a intenção do trabalho, não nos preocupamos aqui em discutir acerca da *Lexicografia* e da *Terminologia*. Apresentaremos brevemente uma reflexão sobre a *Lexicologia*, tendo em vista seu papel nos estudos neológicos.

nomeação de objetos ou fatos novos, sobretudo) determina essa criação” (ALVES, 2007, p. 78). Esse processo de criação lexical recebe o nome de *neologia*, cujo produto é o *neologismo* (ALVES, 2007).

Sabemos que as línguas vivas não podem ficar na inércia, precisam crescer, precisam acompanhar as transformações políticas, econômicas e sociais pelas quais passa uma nação, para que possam servir de instrumento atualizado de interação social. Por essa razão os indivíduos estão sempre (re) criando novos itens lexicais, os quais podem ser aceitos ou não pela sociedade em que estão imersos. Nessa perspectiva, Alves (1984) menciona Quemada (1971) a qual afirma que

[...] se tornou evidente, para a maioria dos usuários, que uma língua de cultura moderna, necessariamente científica e técnica, *não deve ver na neologia lexical apenas um mal inevitável*. É a primeira condição a partir da qual o idioma pode permanecer um instrumento de comunicação nacional, mesmo internacional, e não ser apenas uma língua viva. Deve até considerar a criatividade lexical como parte responsável pela sua riqueza imediata, como sinal evidente de sua vitalidade. Uma língua que não conhecesse nenhuma forma de neologia seria uma língua morta e, em suma, a história de todas as nossas línguas constitui a de sua neologia (QUEMADA, 1971, p. 137, apud ALVES, 1984, p. 119, grifo nosso).

As palavras de Quemada (1971) conseguem deixar visível essa dinamicidade intrínseca à língua. Não temos como escapar desse processo vivo de construção lexical. Essa dinâmica é uma “característica necessária a todas as línguas e poucos se dão conta dessa evolução, porque é feita de modo inconsciente e coletivo. No entanto, o aparecimento de novos termos e significados é fácil de ser constatado, sobretudo nos meios de comunicação” (MELLO, 2011, p. 97). Afinal, estamos lidando com uma língua viva e, por isso, produtiva e não estática. Nunca podemos dizer que um vocábulo tem mais valor que o outro, ou que seu significado é eterno, porque lidar com o léxico é ter consciência que todos os vocábulos são relevantes e seus sentidos sofrem alterações diversas – acréscimos, decréscimos ou até mesmo mudança de sentido. A esse respeito, Biderman (2001b) afirma que

O léxico se expande, se altera e, às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares: daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o Léxico (BIDERMAN, 2001b, p. 139).

Considerando o estudo da criação lexical, Alves (1984) traz em seu texto a definição de neologismo proposta por Boulanger (1979): “neologismo constitui uma unidade lexical de criação recente, uma acepção nova que se atribui a uma palavra já existente ou, então, um

termo recentemente emprestado a um outro código linguístico” (BOULANGER, 1979, p. 65, apud ALVES, 84, p. 119). Com base nessa definição, o próprio autor estabelece três tipos de neologia:

1. *formal*: neologismos criados por meio de derivação, composição, siglas, redução de palavras ou pela articulação de uma ou diversas sílabas que possuem um valor significante inédito;
2. *semântica*: neologismos criados pela atribuição de um novo significado a um mesmo segmento fonológico;
3. *por empréstimo*: neologismos que resultam da adoção de um lexema estrangeiro.

Alguns autores, ao estabelecerem acepções, consideram o empréstimo um tipo de neologia formal e classificam os neologismos em apenas duas categorias: *formais e semânticos* (ALVES, 1984). Nesse trabalho, apreciaremos, no momento da análise, as três definições propostas por Boulanger (1979), interessando-nos principalmente o fato de que o neologismo, ao ser criado, deve ser integrado ao sistema da língua. Essa integração deve seguir os critérios ortográficos, fonológicos e morfossintáticos do idioma em questão (ALVES, 1984). Em outras palavras, a unidade lexical sob análise é avaliada quanto ao seu caráter neológico, tendo em vista sua adaptação aos princípios linguísticos que orientam a língua a qual se pretende integrar. Assim, para compor o patrimônio léxico de uma língua, não basta o vocábulo ser usado com frequência pelos falantes, ele precisa, também, ser coletado e analisado pelos lexicógrafos, conforme os critérios da língua para então ser “digno” de ser registrado. Nesse contexto, Alves (1984) postula que

A existência de um neologismo é ratificada pela aceitação da sociedade em que ele está inserido, pelo seu *uso efetivo* nessa comunidade. E não podemos, a priori, determinar a possibilidade que tem uma unidade lexical neológica de ser aceita e de ser realmente integrada ao código da língua [...]. Uma vez consagrado pelo uso, o elemento neológico é geralmente inserido num dicionário. Constitui o dicionário o critério final, segundo o qual um neologismo é integrado ao léxico da língua. *Atribui-se assim, ao lexicógrafo, o poder de decidir sobre a aceitabilidade ou não de um novo termo ou expressão e sobre sua incorporação à língua* (ALVES, 1984, p. 125, grifo nosso).

Quando nos propomos a estudar a neologia, é importante considerar que o léxico, o qual tem como objeto de análise a unidade lexical, estabelece relação com os diferentes níveis de análise linguística: os níveis fonológicos, morfossintáticos, semânticos e o textual. Os três primeiros são considerados tradicionais e estudados por diversos pesquisadores, enquanto que o último – o textual – é acrescido por Alves (2007), deixando margem para estudos

porvindouros. Diante disso, Alves (2007) apresenta as palavras de Lorente (2004) a qual diz que

[...] o léxico está situado em uma espécie de intersecção que absorve informações provindas de caminhos diversos: dos sons (fonética e fonologia), dos significados (semântica), dos morfemas (morfologia), das combinações sintagmáticas (sintaxe) ou do uso linguístico e das situações comunicativas (pragmática) (LOURENTE, 2004, p. 20, apud ALVES, 2007, p. 77).

Os fenômenos de uma língua geralmente são interligados, obtendo seu valor nessa relação micro e macro linguística. Assim, por considerar os níveis de análise linguística relevantes na verificação de uma unidade lexical neológica, elencamos todos, enfatizando os mais promissores. A relação entre a neologia e o nível fonológico, por exemplo, diz respeito à criação de um item lexical cujo significante seja totalmente inédito, ou seja, tenha sido criado sem base em nenhuma palavra já existente. Sendo assim, essa relação é extremamente rara em todas as línguas e, por isso, não será apresentada nesse trabalho (ALVES, 2007)⁵.

Toda língua viva tem seus mecanismos de ampliação do léxico. No português, por exemplo, a composição e a derivação são, geralmente, os mais produtivos. Por isso a relação entre a neologia e a morfologia tem sido muito estudada. É possível, por meio dessa associação, perceber quais os processos de formação de palavras mais empregados, quais os sufixos e prefixos mais privilegiados pelos falantes, entre outras questões relevantes para o estudo de uma língua. Para melhor ilustrar, Alves (2007) traz alguns exemplos contextualizados de neologismos derivacionais e composicionais. Como não há espaço para expor todos, selecionamos dois casos em que o primeiro (a) representa a morfologia derivacional, por meio do afixo “*ismo*” e o segundo (b) retrata a morfologia composicional, por meio da composição entre dois termos:

(a) Uma política ecológica para os dias de hoje tem que ir além do simples *ambientalismo* (ALVES, 2007, p. 81).

(b) A *academia-sede* está localizada no bairro morada do sol (ALVES, 2007, p. 82).

Ainda com base em Alves (2007), a relação entre a sintaxe e a neologia também é comum, e divide-se em algumas situações, sendo uma delas, por exemplo, por um tipo de composição, resultante de um segmento frasal que se lexicaliza, como, por exemplo, a expressão cristalizada *aquisição de conhecimentos*, a qual começou a manifestar-se sob a forma *aquisição do conhecimento*, fruto de algumas colocações como *aquisição de novos*

⁵ Por considerar essa relação extremamente rara e, conseqüentemente não adotarmos em nossas análises, não nos estenderemos nessa discussão.

conhecimentos e aquisição de conhecimentos necessários. Ou seja, diante do uso corriqueiro desses sintagmas frasais, surgiu então a lexicalização da referida expressão, que reflete o caminho percorrido por um segmento sintático até sua cristalização.

Quanto à relação entre a neologia e a semântica, segundo colocações de Alves (2007), estabelece-se por meio da atribuição de um novo significado a um significante existente. É o caso, por exemplo, do termo *adrenalina*, um “*tipo de hormônio que atua na elevação da pressão sanguínea*” que adquire também o significado de “*emoção*”, passando a ser empregado também em outros contextos que não são medicinais.

Por último, Alves (2007) propõe uma relação entre a neologia e o texto, que segundo a autora, pode ser claramente evidenciadas, uma vez que toda criação neológica insere-se em um enunciado. A autora exemplifica essa relação com *comentários metalinguísticos*, que reiteram/complementam o sentido de uma unidade lexical neológica já enunciada ou ainda a ser enunciada:

- (c) Chico Alencar é candidato do PT à Prefeitura do Rio de Janeiro. Sua plataforma política inclui o <<*alencarismo*>>, *uma nova teoria da seleção natural das espécies* (ALVES, 2007, p. 87).

Considerando o exemplo acima, percebemos que <<*alencarismo*>> representa uma “*nova teoria*”, comentário que reitera o valor semântico do sufixo *-ismo*. Em outras palavras, o autor, ao lançar um *comentário metalinguístico* o faz porque tem intenções a serem atingidas. Enfim, a análise é feita em um nível linguístico, mas também semântico e pragmático, considerando as relações de produção do enunciado.

Assim, diante das questões elencadas, observamos que analisar o modo como as unidades lexicais de caráter neológico estabelecem relações com os diferentes níveis de análise linguística é um desafio e, ao mesmo tempo, um caminho promissor para os trabalhos científicos.

Princípios metodológicos

Quanto à perspectiva metodológica, para atender ao objetivo elencado, adotamos a *revisão bibliográfica*, que consiste numa relação das bibliografias existentes, sejam livros, artigos de periódicos, dicionários e outros, referente ao tema proposto, buscando saber o que a

literatura especializada diz sobre *Lexicologia* e, principalmente, *neologismo*. Nesse contexto, segundo Gil (2002), a revisão bibliográfica é “desenvolvida com base em material já elaborado, que traz como principal vantagem o fato de permitir uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que se obteria ao se pesquisar diretamente” (GIL, 2002, p. 38).

Recorremos também à perspectiva metodológica *documental*, considerando a elaboração do *corpus*, que foi constituído de textos jornalístico-políticos⁶, disponibilizados na imprensa online, para serem manuseados conforme os objetivos da investigação. Mais especificamente, tomamos como objeto de análise duas charges⁷ que representam o contexto de uso de três itens lexicais neológicos: a charge publicada por Kayser (2014), intitulada “Os coxinhas” e a charge “Petrolão e lava-jato” de Sponholz (2015). Essas charges nos chamaram a atenção justamente pela interessante mistura de ingredientes que os chargistas arrolaram em suas obras, as quais apresentam vocábulos novos que estão sendo disseminados no meio político.

Adotamos como técnica e procedimento de análise de dados o *corpus de exclusão*, parâmetro mais reconhecido para a consideração do caráter inovador dos itens lexicais neológicos. Em outras palavras, o princípio adotado para reconhecer uma palavra como nova no acervo lexical da Língua Portuguesa do Brasil é o do não registro das unidades lexicais selecionadas nos seguintes dicionários:

1. Dicionário eletrônico *Aurélio da Língua Portuguesa*, do autor Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2010). Esse dicionário é de acesso facilitado e gratuito, elaborado após o novo acordo ortográfico da língua portuguesa. São mais de 230 mil verbetes disponíveis para leitura, por meio de um buscador.
2. Dicionário eletrônico *Houaiss da Língua Portuguesa*, do autor Antônio Houaiss (2009). Essa obra contém 442 mil entradas, locuções e acepções, construída após o novo acordo ortográfico da língua portuguesa. No CD-ROM está incluído o Dicionário Houaiss de Elementos Mórficos, além de conjugação eletrônica completa dos verbos, navegação por hipertexto e busca por semelhante.

⁶ O contexto de coleta jornalístico-político foi escolhido intencionalmente, uma vez que nos últimos tempos aconteceram muitas situações propícias, conforme já citado.

⁷ Gênero textual rico em informações, expressas por meio de desenhos e caricaturas, acompanhados ou não por textos escritos, as charges constituem um excelente material jornalístico para busca de novos itens lexicais (BIDARRA; REIS, 2013).

3. Dicionário *Unesp Do Português Contemporâneo*, do autor Francisco da Silva Borba (2005). Adotamos esse material, por considerar sua importância nos estudos lexicográficos, mesmo não contemplando o novo acordo ortográfico. Esse dicionário apresenta 58.223 entradas; 110.895 acepções; 135.668 contextualizações; 6.187 destaques e 283 ilustrações.

A seleção desses três dicionários não foi aleatória, ao contrário, eles são considerados os mais utilizados do português contemporâneo do Brasil, isto é, são apresentados no mercado editorial brasileiro como obras de grande prestígio social, que pretendem espelhar o uso efetivo dos falantes.

É comum ver alguns estudiosos da área proferirem que o critério da não dicionarização se ressentem de maior precisão pelo fato de os dicionários não serem atualizados com mais frequência, além de que um dicionário jamais poderá conter todas as palavras de uma língua. Entretanto, por ser menos subjetivo, esse é o critério mais usual entre aqueles que trabalham com a neologia. Nessa perspectiva, assim como Alves (2007), reconhecemos o critério da não dicionarização como caráter neológico de uma palavra, pois concordamos com a autora quando diz que “o dicionário é a fonte segura do estudo do léxico. A ele recorreremos, quando hesitamos quanto à grafia e o significado de um termo” (ALVES, 2007, p. 84).

Análise das unidades lexicais de caráter neológico

Conforme dito antes, selecionamos três unidades lexicais de caráter neológico, coletadas em duas charges, publicadas na imprensa online, as quais foram submetidas ao *corpus* de exclusão: *coxinha*, *petrolão*, *lava jato*. Julgamos suficiente o uso de três ocorrências para ilustrarmos alguns processos de formação de palavras novas, relacionando-as aos níveis de análise linguística, já que se torna desaconselhável um número maior de exemplificações por sobrecarregar o texto. Vejamos a imagem abaixo:

Figura 01: *Os coxinhas*



Fonte: Kayser (2014)

Quando olhamos para essa charge de Kayser (2014)⁸, rapidamente estabelecemos uma primeira relação com um alimento bastante conhecido e apreciado: o típico salgado brasileiro recheado com frango, crocante por fora e macio por dentro, com um formato de coxa de galinha. Porém, ao observar os detalhes, vemos que essa imagem vai além de um simples quitute: são *coxinhas* com fisionomias específicas, representando pessoas. Mas não é a representação de qualquer pessoa. Cada minúcia que compõe *os coxinhas* da referida figura nos leva a perceber que se trata de indivíduos de um determinado grupo social:

Coxinha, sociologicamente falando, é um grupo social específico, que compartilha determinados valores. Dentre eles está o individualismo exacerbado e dezenas de coisas que derivam disso: a necessidade de diferenciação em relação ao restante da sociedade, a forte priorização da segurança em sua vida cotidiana, como elemento de ‘não-mistura’ com o restante da sociedade, aliadas com uma forte necessidade de parecer engraçado ou bom moço⁹.

⁸ Consideramos relevante trabalhar com charge para melhor analisar o novo significado instaurado aos itens lexicais neológicos selecionados.

⁹ O sociólogo Leonardo Rossato e o professor de português Michel Montanha elaboraram, em conjunto, uma “análise sociológica” do termo *coxinha*. Disponível em http://observatorioidaimprensa.com.br/feitos-desfeitas/ed762_o_surgimento_dos_coxinhas/. Acesso em 20 de maio de 2016.

A partir dessa citação, é possível afirmar que, nesse contexto, *esses coxinhas*, de fato, não representam o famoso salgado. Há algum tempo, esse termo faz menção também a um grupo de jovens, geralmente da classe social alta ou média, com seu estilo próprio¹⁰.

Hoje, com todas as questões ocorridas no âmbito político, esse item lexical ganhou um novo significado, inicialmente usado em São Paulo, para representar os manifestantes antigoverno. Nas passeatas que vêm acontecendo desde 2013, com o intuito de buscar mudanças gerais no país, inclusive em relação à política, muitos indivíduos fazem questão de expor seu posicionamento com a frase, por exemplo, “Sou *coxinha*, e daí?”. As redes sociais ficaram minadas com essa expressão. Nesse cenário político, alguns tentam conceituá-la enquanto classe média trabalhadora que não aceita mais a roubalheira, outros consideram a palavra *coxinha* num sentido depreciativo, que indica um indivíduo conservador, de classe alta ou média, com ideias frequentemente reacionárias e com tendências políticas de extrema direita. Enfim, nesse contexto, muitas são as tentativas de conceituação em torno do item lexical *coxinha*, ultimamente muito usado. Basta acessar a internet e lá estarão disponíveis esses tentames, porém, nenhum deles ainda consta em dicionário, inclusive nos que selecionamos enquanto *corpus* de exclusão. Logo, temos um neologismo porque, como vimos no referencial teórico, o item lexical neológico só o deixa de ser quando for dicionarizado (BIDERMAN, 2001).

Ao consideramos, por exemplo, os tipos de neologia propostos por Boulanger (1979) e evidenciados por Alves (1984), percebemos claramente que o item lexical neológico em destaque enquadra-se no *semântico*, uma vez que há a atribuição de um novo significado a um mesmo segmento fonológico. Em outras palavras, o elemento linguístico *coxinha*, que era usado comumente como um alimento específico da culinária brasileira, passa a adquirir outro sentido no âmbito político atual. Se o avaliarmos em relação aos níveis de análise linguística (ALVES, 2007), a primeira analogia é feita, obviamente, com a semântica, tendo em vista que não se opera nenhuma mudança formal à unidade lexical *coxinha*, porém, muda-se a significação, considerando as necessidades sociais e políticas do momento. Podemos dizer que, nesse caso, temos então uma extensão semântica, a qual se caracteriza pelo alargamento do campo semântico do vocábulo *coxinha*.

¹⁰Não se sabe precisamente quando surgiu essa expressão, mas segundo Antônio Carlos Amador Pereira, professor de Psicologia da PUC-SP, em entrevista dada à revista *ISTO É*, existem várias hipóteses. Disponível em http://www.istoe.com.br/reportagens/422845_CHAMAR+DE+COXINHA+NAO+E+PEJORATIVO+DIZ+HA+DDAD. Acesso em 12 de outubro de 2015.

Além disso, diante da premissa de que o léxico está situado em uma espécie de intersecção que absorve informações provindas de caminhos diversos, temos que considerar também a relação entre o item neológico *coxinha* e o nível morfológico (ALVES, 2007), quando acompanhado de um determinante. Ao analisarmos a charge em evidência, bem no início vemos a sentença “Enquanto isso, na República Democrática *dos Coxinhas*”¹¹, em que a expressão “*dos Coxinhas*” marca uma mudança de gênero, quando comparada ao salgado brasileiro *coxinha*, a qual é considerada no nível gramatical como substantivo feminino. No entanto, no âmbito político, é possível dizer que esse item – *coxinha* – define-se como substantivo masculino (marcado pelo determinante: artigo masculino + preposição <<dos>>). Diante dessas questões elencadas, ultrapassando o nível da palavra, Alves (2007) traz Sablayrosles (2000), que reconhece em morfemas gramaticais a possibilidade de constituírem formações neológicas. Eles também são bastante produtivos quando se trata inovação lexical.

Por fim, podemos dizer que esse item lexical neológico – *coxinha* – estabelece relação também com o nível sintático, uma vez que ora posiciona-se enquanto “adjetivo” ora “substantivo”. Nas redes sociais é possível vê-lo transitando nessas duas classes gramaticais: “Ah, eu sou um *coxinha*!” e “Os *coxinhas* já estão alcançando seu intento”. No primeiro caso, há um indivíduo que se caracteriza como um *coxinha*, claro, conceituando o termo numa perspectiva talvez positiva. No segundo caso, os *coxinhas* são citados de modo a assumir o papel de substantivo na sentença. Com essa análise, já é possível perceber que, de fato, a neologia estabelece relação com os níveis linguísticos.

Para além dessa questão, também nos chamaram a atenção, no cenário político, os itens lexicais neológicos *petrolão* e *lava jato*. Assim como *coxinha*, esses itens estão disseminados nas redes sociais, e foram alvos das manifestações no país. Diante disso, primeiramente, ao considerar o parâmetro adotado para a constatação do caráter inovador dos itens, submetemo-los ao *corpus* de exclusão, que confirmou o não registro desses elementos no acervo lexical da Língua Portuguesa do Brasil. Vejamos a charge abaixo para prosseguirmos a análise:

¹¹ Não nos atentamos para o significado implícito dessa sentença, uma vez que o intuito maior, nesse momento, é a análise neológica.

Figura 02: *Petrolão e lava jato*



Fonte: Sponholz (2015)

Essa charge de Roque Sponholz, publicada em 22 de outubro de 2015, justifica o fato de trazermos os dois itens lexicais neológicos ao mesmo tempo. Na verdade, um elemento está ligado ao outro; ambos são frutos de um esquema bilionário de lavagem e desvio de dinheiro envolvendo políticos, a Petróleo Brasileiro S.A. (Petrobras) – maior empresa estatal do Brasil – entre outros, conforme cita a Folha de São Paulo (2014)¹². A esse esquema de corrupção e desvio de fundos foi dado o nome de *petrolão*, justamente por abranger a referida empresa. Em março de 2014, quando essa situação veio à tona, a Polícia Federal entrou em ação, com a denominada operação *lava jato* que, segundo matéria do Jornal Folha de São Paulo (2014), recebeu esse nome, *lava jato*, porque em um dos desvios de dinheiro o grupo usava uma rede de lavanderias e postos de combustíveis para movimentar os valores. Curiosamente, o posto que deu origem às investigações fica no Distrito Federal e não tem um lava jato entre suas instalações (FOLHA DE SÃO PAULO, 2014¹³). Essa contextualização ilustra a imagem que compõe a charge de Sponholz (2015): a imensa “bola” preta (petróleo) representa o esquema *Petrolão*, que tem sido investigado pela operação lava jato, desmascarando – quase atropelando – os indivíduos envolvidos¹⁴.

Quanto ao item lexical neológico *petrolão*, percebemos rapidamente que surge da palavra petróleo, a qual integra a morfologia composicional por aglutinação <<pedra + óleo>>. Nesse caso, quando se tira o *-eo* (da palavra *petróleo*) e coloca-se o *-ão* (*petrolão*), trabalha-se, então, com a morfologia derivacional, por meio do sufixo *-ão*. Não se modifica essencialmente seu significado em relação à base (*petróleo*), porém, apresenta alteração

¹² Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/especial/2014/petrolao/>. Acesso em 30 de outubro de 2015.

¹³ Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/especial/2014/petrolao/>. Acesso em 30 de outubro de 2015.

¹⁴ Não é objetivo aqui realizar uma discussão dos significados implícitos da referida charge. Somente explicamos o contexto de uso em que os itens lexicais neológicos estão inseridos para facilitar a análise.

quanto à expressividade, buscando dar ênfase ao novo item – *petrolão*. Ou seja, não é qualquer petróleo, mas o *petrolão* – o esquema bilionário de lavagem e desvio de dinheiro. Essa análise nos leva para o campo da enunciação, uma vez que podemos analisar esse elemento no nível da argumentação. Enfim, considerando essas questões, esse item lexical nos permite dizer que temos uma neologia formal, que ocorre diante da analogia com o nível morfológico, obviamente. E também podemos pensar numa relação com o nível textual, uma vez que o sufixo *-ão* não é usado de graça, ao contrário, é intencional, pragmático e avaliativo.

Quanto à última unidade lexical sob análise, *lava jato*, quando a escutamos pensamos logo num local dotado de equipamentos e dispositivos automáticos próprios para lavar carros, muito comum estar acoplado a um posto de gasolina. Apesar de a maioria pronunciar e escrever dessa forma, sabemos que se fosse referir, de fato, a esse ambiente, o certo seria *lava a jato* - lavar algo utilizando um objeto que provoca a saída impetuosa de água (AURÉLIO, 2010). Em relação ao contexto político mencionado, encontramos algumas vezes, na internet, *lava-jato*, e principalmente, *lava jato*, mas não *lava a jato*¹⁵. Logo, podemos dizer que o item lexical neológico, *lava jato*, surgiu baseado no referido lugar (*lava a jato*), conforme contextualizado acima, porém, com alteração em sua forma (*lava jato*). Assim sendo, apesar dessa mudança formal, temos uma neologia semântica, que ocorre diante da relação entre o tradicional local assim denominado e a atual operação policial, marcada pela maior investigação de corrupção e lavagem de dinheiro que o Brasil já teve¹⁶. Ou seja, o item lexical *lava a jato* adquiriu um novo significado por meio do atual contexto político – *lava jato* –, permitindo, assim, uma extensão semântica. Nesse contexto, é importante considerar que “a criatividade lexical de caráter semântico produz também um novo *sintagma* neológico (...). Em toda criação *sintagmática*, portanto, está também implícita uma criação semântica” (ALVES, 2002, p. 63).

Algumas considerações

Ao considerar a língua como um organismo vivo em constante mutação, caracterizado pela criatividade e produtividade (BIDERMAN, 2001), o surgimento de novas palavras

¹⁵ Robério Fernandes, colunista da Revista Central, apresenta informações relevantes quanto à formação desses itens lexicais. Disponível em http://revistacentral.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4917:lava-jato-ou-lava-a-jato-&catid=151:eu-direito&Itemid=528. Acesso em 22 de outubro de 2015.

¹⁶ Disponível em <http://lavajato.mpf.mp.br/entenda-o-caso>. Acesso em 20 de maio de 2016.

justifica-se justamente por isto: a língua em uso cria e recria novos itens lexicais constantemente, tendo em vista as necessidades impostas pela própria comunidade. Podemos dizer que depois de criadas num ato de fala, as novas unidades léxicas passam a ser aceitas pelos interlocutores e, a partir de então, reutilizadas em outros atos de comunicação. Assim, por meio desse artigo, vimos que os neologismos se apresentam, inicialmente, como unidades do discurso – no nosso caso, do cenário político –, podendo tornar-se elementos do sistema linguístico se revelarem caráter permanente e estável, conforme o sistema da língua.

Após lidar com o *corpus* de exclusão lexicográfico, percebemos que os itens lexicais neológicos adotados nesse trabalho, *cozinha*, *petrolão* e *lava jato*, estabelecem, de fato, uma relação com os níveis de análise linguística (só não conseguimos estabelecer essa relação com o nível fonológico, pois conforme vimos, essa analogia é extremamente rara em todas as línguas). Não é possível estudar esses itens lexicais neológicos sem considerar essa intersecção com a morfologia, a sintaxe, a semântica e o textual. Além do amplo e efetivo uso desses novos itens no âmbito político, esse hibridismo linguístico também os possibilita a tornarem-se fortes candidatos à dicionarização. Mas isso só o tempo dirá.

Referências

ALVES, I. M. Lexicologia: uma entrevista com Ieda Maria Alves. *ReVEL*, v. 9, n. 17, 2011. Disponível em www.revel.inf.br. Acesso em 18 de outubro de 2015.

_____. Neologia e níveis de análise Linguística. In: Aparecida Negri Isquerdo; Maria José Bocorny Finatto. (Org.). *As Ciências do Léxico. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Vol. III. Campo Grande – MS: Editora da UFMS, 2007.

_____. *Neologismo: Criação Lexical*. 2.ed. São Paulo: Ática, 2002.

_____. *A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português*. Alfa: São Paulo, 1984.

AURÉLIO, B. H. F. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 5^a. ed. Curitiba: Positivo, versão eletrônica, 2010.

BIDARRA, J. REIS, L. S. *Gênero charge: construção de significados a partir de uma perspectiva interdisciplinar e dinâmica*. Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 64, p. 150- 168, jan./jun. 2013. Disponível em <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo> Acesso em : 01 out 2013.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do Lexico. In: Aparecida Negri Isquerdo; Maria José Bocorny Finatto. (Org.). *As Ciências do Léxico. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. 2ed.Campo Grande – MS: Editora da UFMS, 2001a.

_____. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

BORBA, F. S. (Org.). *Dicionário UNESP de português contemporâneo*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. CD-ROM.

ISQUERDO, A. N. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In:_____.; OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001.

KAYSER. *Os coxinhas*. Disponível em <http://domacedo.blogspot.com.br/2014/11/criterios-em-voga.html>. Acesso em 10 de fev. de 2016.

MELO, P. A. G. A dinâmica lexical da linguagem jornalístico-política em textos escritos em língua portuguesa contemporânea na última década do século XX. In: *Revista Carandá*, Corumbá, MS: UFMA, n. 3, p. 93 – 105, 2011.

SPONHOLZ, R. *Petrolão e lava jato*. Disponível em <http://www.humorpolitico.com.br/corrupcao/petrolao-chegando-perto/>. Acesso em 10 de fev. de 2016.